

Orquestra Gulbenkian

Lawrence Foster
Rudolf Buchbinder

Solistas da Orquestra
Gulbenkian



30 + 31 MARÇO 2017



gulbenkian.pt/musica

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Orquestra Gulbenkian

Orquestra Gulbenkian

Lawrence Foster Maestro

Rudolf Buchbinder Piano

30 DE MARÇO **QUINTA**

20:00 — *Zona de Congressos*

Entrada Livre

Conhecer uma obra — Guia de audição

Sinfonia em três andamentos de Igor Stravinsky
por **Sérgio Azevedo**

31 DE MARÇO **SEXTA**

18:00 — *Zona de Congressos*

Entrada Livre

Conhecer uma obra — Guia de audição

Concerto para Piano e Orquestra n.º 2
de Johannes Brahms
por **Paulo Ferreira de Castro**

30 DE MARÇO
QUINTA

21:00 — *Grande Auditório*

Orquestra Gulbenkian

Orquestra Gulbenkian

Lawrence Foster Maestro

Rudolf Buchbinder Piano

Igor Stravinsky

Sinfonia em três andamentos

[sem indicação]

Andante

Con moto

INTERVALO

Johannes Brahms

Concerto para Piano e Orquestra n.º 1,
em Ré menor, op. 15

Maestoso

Adagio

Rondo: Allegro non troppo

Duração total prevista: c. 1h 40 min.

Intervalo de 20 min.

Orquestra Gulbenkian

Lawrence Foster Maestro

Rudolf Buchbinder Piano

Igor Stravinsky

Sinfonia em Dó

Moderato alla breve

Larghetto concertante

Allegretto

Largo – Tempo giusto, alla breve

INTERVALO

Johannes Brahms

Concerto para Piano e Orquestra n.º 2,
em Si bemol maior, op. 83

Allegro non troppo

Allegro appassionato

Andante

Allegretto grazioso

Duração total prevista: c. 1h 50 min.

Intervalo de 20 min.

31 DE MARÇO
SEXTA

21:30 — *Grande Auditório*

Solistas da Orquestra Gulbenkian

Orquestra Gulbenkian

Bin Chao Violino

Pedro Pacheco Violino

Lu Zheng Viola

Samuel Barsegian Viola

Varoujan Bartikian Violoncelo

Marco Pereira Violoncelo

Anton Bruckner

Quinteto para Cordas em Fá maior

Gemäßigt (moderado)

Scherzo: Schnell (rápido) – *Trio: Langsamer* (mais lento)

Adagio

Finale: Lebhaft bewegt (animado)

Richard Strauss

Sexteto para Cordas da ópera *Capriccio*

Duração total prevista: c. 1h

Concerto sem intervalo

Igor Stravinsky

Oranienbaum, 17 de junho de 1882

Nova Iorque, 6 de abril de 1971

Sinfonia em três andamentos

COMPOSIÇÃO: 1942-1945

ESTREIA: Nova Iorque, 24 de janeiro de 1946

DURAÇÃO: c. 23 min.

Sinfonia em Dó

COMPOSIÇÃO: 1938-1940

ESTREIA: Chicago, 7 de novembro de 1940

DURAÇÃO: c. 30 min.

The image displays a page of a musical score for Igor Stravinsky's 'Symphony in three movements'. The score is written for a large orchestra and includes parts for Piano piccolo, Flauti grandi, Oboi, Clarineti in Si b, Clarinetto basso in Si b, Fagotti, Contrabaixo, Corais in Fa, Trombe in Do, Trombas, Trombones 1 & 2, Trombones 3 & 4, Tambores, Gran Cassa, Piano, Arpa, Violino I, Violino II, Viola, Violoncello, and Contrabaixo. The score is in 3/4 time and features complex rhythmic patterns and dynamics. The title 'Symphony in three movements' and the composer's name 'Igor Stravinsky' are prominently displayed at the top.

SINFONIA EM TRÊS ANDAMENTOS. ED. SCHOTT © DR

A **Sinfonia em três andamentos** resultou de um processo de criação demorado que ocupou Igor Stravinsky entre 1942 e 1945, no apogeu da Segunda Grande Guerra. Originariamente, o compositor idealizou a composição de um concerto para piano e harpa mas, com o passar do tempo, este projeto evoluiu, paulatinamente, para uma partitura sinfônica de grande escala, com orquestração singular, na qual os dois instrumentos mencionados não deixam de ter um papel determinante. Segundo declarações do próprio músico, a partitura teve como principal fonte de inspiração as recordações trazidas pelo visionamento de filmes sobre as violentas e obscuras realidades da guerra, vindo a constituir uma sucessão de memórias ambíguas, centradas ora na descrição, ora no equacionar de emoções, *in abstracto*. Facetas “gráficas” da realidade violenta da guerra emergem, desde logo, na abertura (sem indicação de andamento), povoada por acordes dissonantes e assimetrias métricas, com marcadas intervenções do naipe de metais que evocam, muitas vezes, o que parecem ser

gritos de angústia e terror. Muito embora nela subsista o sentimento latente de instabilidade e medo, a segunda secção do andamento reveste-se de alguma tranquilidade, provinda do diálogo concertante entre o piano e os restantes instrumentos, antes do regresso do material musical do início, em tom ameaçador. O segundo andamento, *Andante*, estabelece marcado contraste com o primeiro: no enlevo sereno da orquestração podem escutar-se excertos da música que Stravinsky compôs para uma cena do filme norte-americano *A Canção de Bernardette* (1943) – dirigido por Henry King sobre o romance homónimo de Franz Werfel, dedicado às aparições da Virgem Maria em Lourdes –, mas que nunca chegou a fazer parte da banda sonora. O andamento final sucede-se sem interrupção, voltando a impor o clima obscuro e conflituoso do início da obra. A implacável pulsação rítmica abranda um pouco na fuga central, mas o andamento depressa retoma o seu rumo obstinado, insistindo nas sonoridades massivas, coroadas, com grande imponentia, pelos metais.



IGOR STRAVINSKY EM 1944 © DR

Composta entre os anos de 1938 e 1940, a **Sinfonia em Dó** é fruto do período neoclassicista de Igor Stravinsky, reunindo influências que vão do germanismo sinfónico de Ludwig van Beethoven ao nacionalismo pitoresco do compatriota Piotr Ilitch Tchaikovsky. A estas linhas de força, Stravinsky somou uma perceção muito pessoal dos idiomas e das possibilidades orquestrais, vindo a construir uma partitura de grande originalidade e beleza. A estreia, pela Orquestra Sinfónica de Chicago, ocorreu a 7 de novembro de 1940, já depois do estabelecimento definitivo de Stravinsky nos Estados Unidos da América. A conjugação da herança romântica com os selos rítmicos e harmónicos de Stravinsky torna-se audível desde os primeiros compassos do primeiro andamento, *Moderato alla breve*. O domínio da orquestração permite a Stravinsky combinar as sonoridades dos naipes, de modo partilhado e interativo, fomentando a permanente diversificação do *continuum* musical, muito à semelhança do que faz Beethoven nas suas sinfonias. No *Larghetto concertante* que se segue, parece sobressair uma

linha estilística arcaizante, fundada na tradição barroca, qual *adagio* de concerto inebriado por bela melopeia do oboé, partilhada com as flautas, sobre acompanhamento em *pizzicati* das cordas. A secção central agita-se, com movimentos cerrados das cordas e pontuações incisivas do trompete. A longa melopeia do oboé regressa entretanto, para conduzir o discurso ao uníssono final, a sós com o fagote. As sonoridades iniciais do terceiro andamento, *Allegretto*, desvelam semelhanças flagrantes com a conhecida partitura de bailado *Pétrouchka* (1910-1911), a qual pode, de facto, ter servido de modelo ao compositor, pela viva orquestração e pelas evocações de dança popular. No andamento final os sopros desenham um “coral” lúgubre que serve de introdução a uma secção viva e enérgica, dominada pelas cordas, no seio de uma estrutura assimétrica de compassos. Na parte final do andamento, o compositor combina parte do material temático do *Moderato alla breve* inicial com o presente “coral”, impondo uma ambiência de recolhimento e austeridade que se torna rara em toda a sua produção musical.

Johannes Brahms

Hamburgo, 7 de maio de 1833

Viena, 3 de abril de 1897

Concerto para Piano e Orquestra n.º 1, em Ré menor, op. 15

COMPOSIÇÃO: 1858

ESTREIA: Hanôver, 22 de janeiro de 1859

DURAÇÃO: c. 45 min.

Concerto para Piano e Orquestra n.º 2, em Si bemol maior, op. 83

COMPOSIÇÃO: 1878-1881

ESTREIA: Budapeste, 9 de novembro de 1881

DURAÇÃO: c. 50 min.

Johannes Brahms iniciou os esboços do seu **Concerto para Piano e Orquestra n.º 1** em 1854, pouco depois de ter conhecido Robert e Clara Schumann, com os quais travou duradoura amizade. A obra foi pensada originariamente em função dos recursos da orquestra, mas a dependência omnipresente do piano, incentivada ademais pelo próprio Robert Schumann, acabou por interferir com o projeto, dele resultando uma partitura de caráter concertante, na qual se conjuga uma vertente de experimentação sinfônica com o saber consolidado pela experiência e pela sensibilidade frente ao teclado. No início de janeiro de 1859, Brahms aguardava com expectativa a estreia da obra, a qual se veio a concretizar em Hanôver no dia 22 desse mês, sob a direção do seu amigo e conceituado violinista Joseph Joachim. O público, contudo, não correspondeu ao entusiasmo de Brahms, mostrando uma reação pouco calorosa nesta ocasião, confirmada, poucos dias depois, por novo descalabro no Gewandhaus de Leipzig. Apesar da inspirada parte solista, a orquestração densa e opaca desafiava os cânones de clareza e equilíbrio a que o público estava habituado,

o que motivou fortes críticas até aos anos finais do século XIX.

Do primeiro andamento, *Maestoso*, sobressai um ambiente dramático e tempestuoso, resultante da oposição entre os diversos naipes orquestrais e o solista. Brahms implementa aqui uma nova abordagem à forma sonata de primeiro andamento, alargando sobremaneira as secções de exposição e recapitulação e dissolvendo consequentemente o desenvolvimento, de acordo com um princípio de continuidade musical, o que lhe retira a tradicional autonomia face às restantes secções. No *Adagio* central o lirismo é a nota dominante, ainda que misturado, por vezes, com meditações melancólicas que fazem fluir os mais profundos sentimentos. A atmosfera de cariz religioso é sublinhada pela frase latina “Benedictus qui venit in nomine Domini”, a qual figura no autógrafo, logo abaixo do tema de partida. Tradicionalmente interpretada como homenagem póstuma a Robert Schumann, a quem Brahms chamava “Mein Herr Domine”, a fórmula litúrgica foi também entendida como uma referência velada à pianista Clara Schumann pelo amigo de Brahms, Max Kalbeck. O *Allegro non troppo* final é, por sua vez, um



JOHANNES BRAHMS C. 1858 © DR

rondó animado de caráter virtuosístico, no qual sobressaem as extraordinárias competências do Brahms pianista, aliadas à teia orquestral que chega a implementar uma elaborada secção fugada, evocadora dos modelos do barroco tardio, tão caros a Brahms.

Contrariamente ao Concerto para Piano e Orquestra n.º 1, o **Concerto para Piano e Orquestra n.º 2** de Brahms causou uma impressão extremamente favorável junto do público, logo por ocasião da estreia em Budapeste. O impacto avassalador que entretanto alcançara o movimento romântico, expandindo-se pelas mais diversas regiões da Europa e também pela Rússia, foi decisivo para que a obra se impusesse, desde logo, como marco do repertório pianístico e símbolo da celebridade de Brahms. Numa missiva que dirigiu ao seu amigo Heinrich von Herzogenberg, o músico declarou: “Devo dizer-vos que compus um pequeno concerto para piano, detentor de um breve e bonito scherzo”. Ocupando o segundo lugar no plano global da obra, este *Scherzo* foi originariamente destinado ao Concerto para Violino e Orquestra, em Ré maior, op. 77, de 1878, mas entretanto posto de lado. O primeiro andamento desperta imerso em calma e serenidade, com o tema principal enunciado pela trompa e, desde logo, acompanhado pelo solista, rumo a uma

cadência em tom decidido e imponente. É o prelúdio para a exposição propriamente dita, protagonizada pelo *tutti* orquestral. Ao primeiro tema sobrevém uma segunda melodia de cariz mais lírico, assim como o impetuoso terceiro tema. Retomando o primeiro tema, o solista desenvolve depois um prolongado diálogo com a orquestra, antes de ter lugar o extenso desenvolvimento e a recapitulação. Na coda, Brahms acentua a interação entre o solista e a orquestra, promovendo contrastes e tensões em prol da dramatização do discurso musical. O belo *Allegro appassionato*, sucessor do *scherzo* de que falava Brahms na sua carta, representa, ele próprio, a maturidade do compositor: misteriosa, impetuosa, mas também condescendente, apaixonada e profundamente humana. Ecos ancestrais da era clássica podem ser escutados na parte central do andamento, como que a evocar a génese da valorosa tradição sinfónica. No terceiro andamento, *Andante*, o violoncelo participa, ao lado do piano, no enunciado temático, acentuando-se esta partilha na secção final do andamento. Muito em linha com os modelos classicistas, Brahms faz apoiar o andamento conclusivo, *Allegretto grazioso*, numa forma de sonata-rondó repleta de energia e de trocas motívicas entre solista e orquestra, com realce para o “pisar de olho” à música cigana que tanta curiosidade despertou em Brahms.

Anton Bruckner

Ansfelden, 4 de setembro de 1824

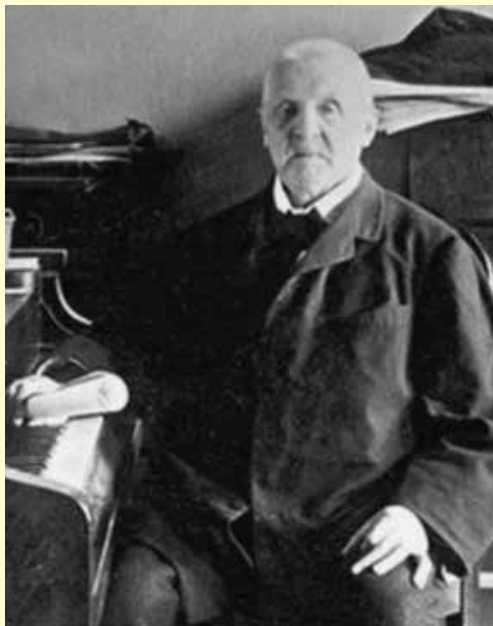
Viena, 11 de outubro de 1896

Quinteto para Cordas em Fá maior

COMPOSIÇÃO: 1878-1879

ESTREIA (INTEGRAL): Viena, 8 de janeiro de 1885

DURAÇÃO: c. 43 min.



ANTON BRUCKNER EM 1894 © DR.

Apesar de ter vivido numa época favorável aos ambientes intimistas despertados pela música de câmara, o compositor austríaco Anton Bruckner não deixou mais do que cinco partituras que se enquadram neste domínio de eleição dos compositores românticos: o Quarteto para Cordas em Dó menor (1862), o Rondó em Dó menor (1862), *Abendklänge*, para violino e piano (1866), o Quinteto para Cordas em Fá maior (1878-1879) e o *Intermezzo* em Ré menor (1879). Sendo a sua obra de câmara de maior fôlego, o Quinteto em Fá maior ocupa um lugar de destaque no âmbito desta reduzida parcela da música de Bruckner.

O Quinteto em Fá maior foi composto no seguimento de uma encomenda do diretor do Conservatório de Viena, Joseph Hellmesberger, o qual era também líder de um quarteto de cordas. Mas ao efetivo instrumental tradicional do quarteto, Bruckner juntaria mais uma viola. Ante os quatro andamentos finalizados pelo compositor, Hellmesberger contestou o segundo, um *Scherzo*, pedindo a Bruckner que, em sua substituição, compusesse um *Intermezzo* tecnicamente menos exigente. O compositor

viria a aceder a este pedido, vindo a prolongar a composição até meados de julho de 1879. Os três primeiros andamentos, sem o *Scherzo*, seriam no entanto estreados em Viena, a 17 de novembro de 1881, pelo Quarteto Winkler, com Josef Schalk na segunda viola. Mais tarde, Hellmesberger reconsideraria e viria a integrar o *Scherzo* original no programa do recital que realizou em Viena, a 8 de janeiro de 1885, com o Quarteto Hellmesberger e Max Mustermann na segunda viola. O Quinteto em Fá maior encontraria o seu espaço no domínio do repertório corrente muito por influência da sua associação ao universo da música sinfónica de Bruckner, em particular a Sinfonia n.º 5 com a qual partilha passagens de assinalável densidade contrapontística, uma apurada e característica escrita instrumental e uma particular acuidade para a exploração do desenvolvimento temático, sobretudo no andamentos extremos. Um nobre e expressivo *Adagio* precede um andamento final que deixa mais uma vez percecionar a pujança e a grandiosidade da sua música sinfónica.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Richard Strauss

Munique, 11 de Junho de 1864
Garmisch, 8 de Setembro de 1949

Sexteto de cordas da ópera *Capriccio*

COMPOSIÇÃO: 1941

ESTREIA: Munique, 28 de outubro de 1942

DURAÇÃO: c. 11 min.



RICHARD STRAUSS, c. 1940 © DR

Estreada em Munique em 1942, *Capriccio* é a décima quinta e última ópera de Richard Strauss. Apesar de ser baseada num libreto do século XVIII, da autoria de Giovanni Battista Casti, intitulado *Prima la musica, poi le parole*, o libreto desta obra, da autoria de Clemens Kraus e do próprio compositor, agrega ainda os contributos de vários outros autores, entre os quais Stephan Zweig e Hugo von Hofmannsthal, este último um dos libretistas prediletos de Strauss. É muito significativo o contributo desta obra para a história do teatro lírico, sobretudo no sentido em que se trata de uma “ópera dentro da ópera”, uma comédia de caráter teorizante acerca da natureza da própria ópera enquanto género artístico.

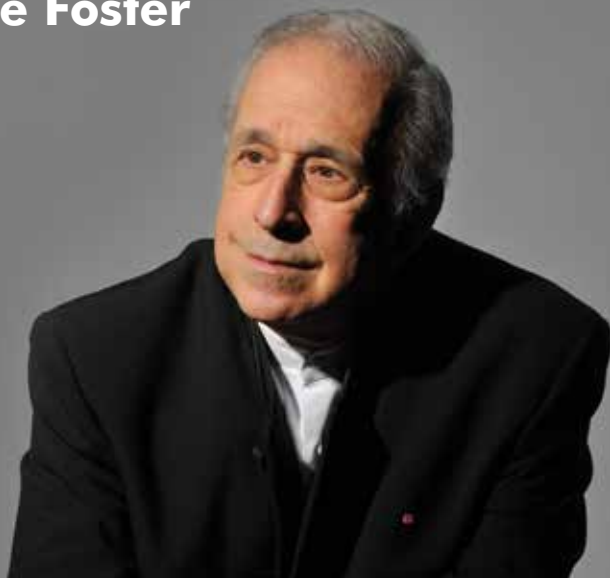
O tradicional prelúdio orquestral é substituído nesta ópera por uma peça para sexteto de cordas – usualmente interpretado por músicos das primeiras estantes dos violinos, violas e violoncelos –, a qual possui a dupla função de música de cena. No contexto da situação dramática, este sexteto, no início do qual se abre

a cortina do palco, é a última obra do compositor Flamand, um dos personagens centrais da ópera, com a qual brinda a Condessa Madalena, por quem está apaixonado. Enquanto se escuta o sexteto, Flamand observa atentamente as reações da sua amada à obra que este lhe dedicou. Composição sumptuosa e serena, de cunho vincadamente romântico, “música absoluta” inserida num contexto dramático, o sexteto *Capriccio* foi-se gradualmente autonomizando da ópera à qual pertence, transformando-se, com o tempo, numa das mais apreciadas composições do universo da música de câmara. O seu requintado idioma harmónico e o tipo de instrumentação antecipam já a célebre obra *Metamorphosen* (1945), a qual seria composta numa altura em que o compositor desistira já da composição de óperas e abandonara as grandes formas sinfónicas. Nesta sua derradeira fase criativa, revelar-se-ia um compositor que, plenamente consciente do seu papel como artista, realizaria uma profunda reflexão sobre a sua obra.

LUÍS RAIMUNDO

Lawrence Foster

Maestro



LAWRENCE FOSTER © MARC GINOT

De ascendência romena, Lawrence Foster nasceu em 1941 em Los Angeles. É o Diretor Musical da Ópera de Marselha e da Orquestra Filarmónica de Marselha. É também Maestro Emérito da Orquestra Gulbenkian, da qual foi Maestro Titular entre 2002 e 2013. Além dos concertos regulares no Grande Auditório Gulbenkian, dirigiu a Orquestra Gulbenkian em várias digressões internacionais e em gravações para a editora Pentatone Classics. Anteriormente desempenhou idênticas funções nas Orquestras Sinfónicas de Barcelona, Jerusalém e Houston, na Filarmónica de Monte Carlo e na Orquestra de Câmara de Lausanne. Entre 2009 e 2012, foi Diretor Musical da Orquestra e Ópera Nacional de Montpellier. Foi também Diretor Musical do Festival de Aspen e Diretor Artístico do Festival Georges Enesco (1998-2001), tendo-se afirmado como um destacado divulgador e intérprete da música do compositor romeno. A sua última gravação dedicada a Enesco – uma orquestração do Octeto para Cordas – foi

lançada na primavera de 2009. Em 2003 foi condecorado pelo Presidente da Roménia pelos serviços prestados à música romena. Lawrence Foster dirige regularmente nas grandes casas de ópera internacionais, incluindo a Ópera Estadual de Hamburgo, onde dirigiu produções de *Pelléas et Mélisande*, *Der Freischütz*, *Carmen* e *A raposinha matreira*. Em 2015 obteve igual sucesso nas produções de *Rusalka*, na Ópera de Monte Carlo, de *O Navio Fantasma* e *Falstaff*, em Marselha, e de *La traviata*, no Festival de Ópera de Savonlinna. Mais recentemente, dirigiu produções de ópera e concertos em Marselha, São Francisco, Copenhaga, Bruxelas, Frankfurt, Colónia, Budapeste e Paris. Colabora também com orquestras juvenis, incluindo a Junge Deutsche Philharmonie, a Orquestra da Academia do Festival de Schleswig-Holstein e a Orquestra Juvenil Australiana. Em 2013 recebeu o *Orfée d'Or* da Académie National du Disque Lyrique pela sua gravação de *L'Etranger*, de Vincent d'Indy, com a Ópera e Orquestra Nacional de Montpellier Languedoc Roussillon.

Rudolf Buchbinder

Piano



RUDOLF BUCHBINDER © BASTA

Ao longo de mais de cinquenta anos de carreira profissional, Rudolf Buchbinder apresentou-se como solista em todo o mundo, em colaboração com as mais prestigiadas orquestras e maestros de renome internacional. Na presente temporada, o 70.º aniversário do pianista austríaco é assinalado em prestigiados palcos como o Carnegie Hall de Nova Iorque, o Suntory Hall de Tokyo, o Musikverein de Viena ou a Philharmonie de Berlim. Outros destaques incluem digressões com a Filarmónica de Viena e os maestros Zubin Mehta e Franz Welser-Möst, bem como concertos com a Staatskapelle Dresden e a Filarmónica de Berlim, sob a direção de Christian Thielemann. Por convite de Mariss Jansons, é Artista em Residência da Sinfónica da Rádio da Baviera. O alcance e a diversidade do repertório de Rudolf Buchbinder, que se estende de J. S. Bach até aos compositores contemporâneos, estão documentados em mais de cem gravações, tendo muitas delas sido distinguidas com prestigiosos prémios. A sua abordagem das obras de Ludwig van Beethoven, em particular, estabeleceram novos padrões

interpretativos, com destaque para as trinta e duas sonatas para piano, as quais apresentou integralmente em mais de cinquenta cidades. Em 2014 tornou-se no primeiro pianista a apresentar uma integral das sonatas de Beethoven durante uma temporada de verão no Festival de Salzburgo. Em março de 2013 interpretou, com a Orquestra Gulbenkian e o maestro Lawrence Foster, a integral dos concertos para piano de Beethoven, em dois concertos. A estreia nas temporadas Gulbenkian de música data de abril de 1998, com a Orquestra Sinfónica de Viena e o maestro Vladimir Fedoseyev. Rudolf Buchbinder dá grande importância ao meticuloso trabalho de estudo das fontes. Possui uma extensa coleção de primeiras edições e de documentos originais, incluindo trinta e nove edições completas das sonatas para piano de Beethoven e cópias das partituras autógrafas dos dois concertos para piano de Brahms. Rudolf Buchbinder é o diretor artístico do Festival de Grafenegg desde a sua fundação, em 2007. Sob a sua liderança, afirmou-se como um dos principais festivais europeus de música orquestral.

Bin Chao

Violino



Bin Chao nasceu no seio de uma família de músicos e começou a tocar violino aos seis anos de idade. Estudou no Conservatório Central de Música de Pequim, onde se diplomou com distinção, e concluiu um Mestrado em Música no Mannes College of Music de Nova Iorque, onde estudou com o violinista David Nadien. O violinista e crítico musical Henry Roth elogiou a musicalidade e a técnica sólida de Bin Chao no seu livro *Grandes Violinistas*, livro este que faz uma análise sobre os 100 maiores violinistas do século XX, de acordo com a perspetiva do seu autor. Em 1984 foi 2.º classificado no Segundo Concurso Nacional de Violino da China. Como solista, recitalista e músico de câmara, atuou por toda a Europa e na América do Norte. Mudou-se para Lisboa em 1991, tendo participado nos principais festivais de música em Portugal e ainda no Festival de Aspen e no Festival Schumann de Nova Iorque.

Em 2001 foi solista convidado no prestigiado Annual English Handbell Festival, em Nova Iorque. Entre 1999 e 2001, ensinou violino em Nova Iorque, integrado na iniciativa da Fundação Midori de levar a música às escolas públicas. Foi professor na Universidade de Évora e desde 2007 ensina violino, viola e música de câmara no Instituto Piaget. Desde 2010, colabora com o Conservatório de Música da Universidade de Lawrence, em Appleton, Wisconsin, nos E.U.A. Bin Chao toca num violino Carlo Giuseppe Testore de 1715.

Pedro Pacheco

Violino



Pedro Pacheco dos Santos nasceu em Lisboa em 1966 e começou a estudar violino aos cinco anos de idade com o seu pai. Frequentou a Academia de Música de Santa Cecília nas classes de violino de Vasco Barbosa e Alberto Nunes, professores com quem continuaria a sua formação até ingressar no Conservatório Nacional de Lisboa. Foi membro fundador de duas orquestras de câmara e ainda membro da Orquestra Sinfónica Juvenil, com a qual realizou numerosos concertos como solista. Frequentou durante esse período os cursos de aperfeiçoamento artístico de Tibor Varga, Alberto Lisy e Gerardo Ribeiro. Concluiu o Curso Superior de Violino no Conservatório Nacional em 1984, iniciando nesse ano o Curso de Relações Internacionais do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas de Lisboa. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, estudou em Paris com Veda Reynolds durante quatro anos, tendo sido também apoiado pela Secretaria de Estado da Cultura. Durante esse período, deu vários recitais na Bélgica, em Inglaterra e em França. É membro da Orquestra Gulbenkian desde 1990 e atuou como solista em várias ocasiões. Colabora com agrupamentos de música de câmara e apresentou-se como solista nos festivais de música do Algarve, de Sintra e de Leiria e deu vários recitais nos Açores. É professor de violino na Academia de Música de Santa Cecília.

Lu Zheng

Viola



Samuel Barsegian

Viola



Lu Zheng nasceu em agosto de 1977, em Tian Jin, na China. Começou a estudar violino e viola de arco aos seis anos de idade. Entre 1989 e 1997, frequentou o Conservatório Central de Música, em Pequim, onde realizou estudos complementares e superiores de viola. Entre 1994 e 1997, foi Viola Principal da Orquestra Juvenil da China. Em 1998 foi um dos membros fundadores do Chinese Quartet, tendo-se apresentado com este grupo nos Festivais de Música de Évora e do Algarve, a convite da Fundação Oriente. Entretanto, aperfeiçoou-se em música de câmara com Max Rabinovitsj e em viola de arco com Barbara Friedhoff e Bruno Pasquier. Entre 2000 e 2004, Lu Zheng foi Solista B da Orquestra Metropolitana de Lisboa. É professor de viola de arco e música de câmara e apresenta-se regularmente em recitais a solo e de música de câmara. Ingressou na Orquestra Gulbenkian em 2005.

Natural da Arménia, Samuel Barsegian começou a estudar violino aos seis anos de idade na Escola Especial de Música Tchaikovsky, mas aos quinze anos decidiu mudar para a viola de arco. Diplomou-se em 1989, tendo em seguida prosseguido o seu aperfeiçoamento no Conservatório Nacional de Yerevan, com Albert Brutian. Entre 1989 e 1991, foi solista da Orquestra Sinfónica da Rádio da Arménia e recebeu o Grande Prémio no Concurso Nacional da Arménia. Entre 1991 e 1995, estudou na Escola Superior de Música de Friburgo, na Alemanha, com Kim Kashkashian. Ao longo desse período, tocou sob a direcção de maestros como Georg Solti, Valery Gergiev, Semyon Bychkov e Daniel Barenboim e atuou como solista com a Filarmónica da Arménia no Festival de Schleswig-Holstein. Prosseguiu os seus estudos na Juilliard School, nos Estados Unidos da América, e concluiu uma pós-graduação na Escola Superior de Música de Karlsruhe. Posteriormente, desenvolveu a sua carreira artística com o professor Rudolf Barshai. Samuel Barsegian participou em vários *workshops* com maestros como Bertrand de Billy, Simone Young, Gilbert Varga, David Zinman e Lawrence Foster. É o fundador e maestro da Lisbon Chamber Orchestra e tem dirigido várias orquestras na Europa. Em 2013 dirigiu pela primeira vez a Orquestra Gulbenkian, na qual é 1.º Solista do naipe das violas.

Varoujan Bartikian

Violoncelo



Marco Pereira

Violoncelo



Varoujan Bartikian nasceu na Arménia e iniciou os seus estudos na Escola Especializada de Música Tchaikovsky, sob a orientação de Alexander Tchauchian. De 1978 a 1983, frequentou o Conservatório Superior de Música Komitas, em Yerevan. Em 1977 venceu o Concurso Transcaucasiano de Violoncelo, em Tbilissi, e em 1981 participou no Concurso das Repúblicas Soviéticas, em Tbilissi, sendo galardoado com o 3.º Prémio e com um prémio especial pela execução dos 24 Prelúdios do compositor georgiano Sulkan Tsintsadze. Depois de se ter licenciado, em 1983, prosseguiu o seu aperfeiçoamento, tendo obtido o grau de Mestre em Violoncelo e em Ciências Musicais, nas áreas de Teoria da Interpretação e Metodologia do Ensino. É membro fundador do Quarteto de Cordas de Yerevan, constituído em 1982. Este quarteto venceu o Concurso Borodin de 1983. Em 1988 começou a lecionar violoncelo no Conservatório Komitas, lugar que ocupou até se deslocar para Portugal, em 1989, quando passou a integrar a Orquestra Gulbenkian com a qual tem atuado também como solista. Tocou com a Orquestra Filarmónica da Arménia, sob a direção de John Nelson e gravou para a Antena 2 da RDP. Em 1991 formou o Trio Bartikian, com o pianista Michel Gal e a clarinetista Esther Gerogie. Em 2013, fundou o Trio Aeternus com o violinista Alexander Stewart e o pianista Lucjan Luc. Gravou várias obras de António Victorino d'Almeida para a etiqueta Numérica. Varoujan Bartikian é 1.º Violoncelo Solista da Orquestra Gulbenkian e leciona violoncelo e música de câmara no Instituto Piaget.

Marco Pereira estudou violoncelo na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo e na Academia Nacional Superior de Orquestra, em Lisboa, com Paulo Gaio Lima. Frequentou posteriormente a Escuela Superior de Música Reina Sofia, em Madrid, onde foi aluno de Natalia Shakovskaya. Durante este percurso teve a oportunidade de trabalhar com outros grandes mestres do violoncelo como Natalia Gutman, Gary Hoffman, Phillipe Muller, ou Ivan Monighetti. O quarteto de cordas esteve sempre presente na sua carreira, atingindo o seu auge com a fundação do Quarteto de Cordas de Matosinhos. Este quarteto foi selecionado como ECHO Rising Stars 2015. Em 2003, Marco Pereira venceu o concurso da Juventude Musical Portuguesa, nas categorias de Música de Câmara e Violoncelo – nível superior, e recebeu o prémio Maestro Silva Pereira do Prémio Jovens Músicos. A nível internacional, foi-lhe atribuído um 1.º prémio no concurso Liezen International Wettbewerb für Violoncello, na Áustria. Recebeu também o 1.º prémio no VI Certamen de Música de Câmara del Sardinero, em Santander, em 2006. Marco Pereira é 1.º Solista no naipe de violoncelos da Orquestra Gulbenkian. Apresenta-se regularmente como solista de concerto, tendo colaborado com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Joensuu Orchestra (Finlândia) e a Orquestra do Atlantic Music Festival (E.U.A.), entre outras. Foi professor de violoncelo na Universidade de Aveiro e na Universidade do Minho. Desde 2011, é *D'Addario Bowed Artist e Faculty Artist* do Atlantic Music Festival – Watterville (E.U.A.).

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA – MÁRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Na temporada 2012-2013, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) celebrou 50 anos de atividade, período ao longo do qual foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências dos programas executados. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian a abordagem interpretativa de um amplo repertório, desde o Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora

interior. Em cada temporada, a orquestra realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música (maestros e solistas). Atuando igualmente em diversas localidades do país, tem cumprido desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian tem vindo a ampliar gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, Ásia, África e Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida desde muito cedo com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Susanna Mälkki é a Maestrina Convidada Principal e Joana Carneiro e Pedro Neves os Maestros Convidados. Claudio Scimone, titular entre 1979 e 1986, é Maestro Honorário, e Lawrence Foster, titular entre 2002 e 2013, foi nomeado Maestro Emérito.

Orquestra Gulbenkian

Susanna Mälkki Maestrina Convidada Principal

Joana Carneiro Maestrina Convidada

Pedro Neves Maestro Convidado

Lawrence Foster Maestro Emérito

Claudio Scimone Maestro Honorário

PRIMEIROS VIOLINOS

Erik Heide *Concertino Principal**

Josefine Dalsgaard *1º Concertino Auxiliar**

Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*

António José Miranda

António Veiga Lopes

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

David Wahnnon

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Otto Pereira

Tomás Costa *

Manuel Abecasis *

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1º Solista*

Jordi Rodriguez *1º Solista*

Cecília Branco *2º Solista*

Maria Leonor Moreira

Stephanie Abson

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Maria José Laginha

Félix Duarte *

Miguel Simões *

Catarina Barreiros *

João Castro *

VIOLAS

Samuel Barsegian *1º Solista*

Lu Zheng *1º Solista*

Isabel Pimentel *2º Solista*

André Cameron

Patrick Eisinger

Leonor Braga Santos

Christopher Hooley

Maia Kouznetsova

Augusta Romaskeviciute *

Nuno Soares *

Isabel Garcia *

Catarina Silva *

Chiara Antico *

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1º Solista*

Marco Pereira *1º Solista*

Martin Henneken *2º Solista*

Levon Mouradian

Jeremy Lake

Raquel Reis

Maria José Falcão *

Jaime Polo *

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*

Manuel Rêgo *1º Solista*

Maja Plüdemann *2º Solista*

Marine Triolet

Romeu Santos *

João Alves *

Miguel Menezes *

FLAUTAS

Sophie Perrier *1º Solista*

Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*

Amália Tortajada *2º Solista*

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*

Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*

Alice Caplow-Sparks *2º Solista*

Corne inglês

CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*

Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*

José María Mosqueda *2º Solista*

Clarinete baixo

Rui Martins *2º Solista**

FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*

Vera Dias *1º Solista Auxiliar*

José Coronado *2º Solista*

Contrafagote

Ana Oliveira *2º Solista**

TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*

Kenneth Best *1º Solista*

Eric Murphy *2º Solista*

Darcy Edmundson-Andrade *2º Solista*

Nuno Cunha *2º Solista**

TROMPETES

Stephen Mason *1º Solista*

Paulo Carmo *1º Solista Auxiliar**

David Burt *2º Solista*

TROMBONES

Rui Fernandes *2º Solista*

Pedro Canhoto *2º Solista*

Gonçalo Galvão *2º Solista**

TROMBONE BAIXO

Joaquim Rocha *2º Solista**

TUBA

Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*

PIANO

Joana David *1º Solista**

HARPA

Coral Tinoco Rodriguez *1º Solista**

* instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Andrade

Inês Rosário

Leonor Azêdo

6 Abril

QUINTA, 21:00

Waltraud Meier

Orquestra Gulbenkian



GULBENKIAN
MÚSICA

GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÁMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CÓRPO GULBENKIAN



17 Abril

SEGUNDA, 21:00

Gidon Kremer

Kremerata Baltica



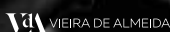
GULBENKIAN
MÚSICA

GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÁMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



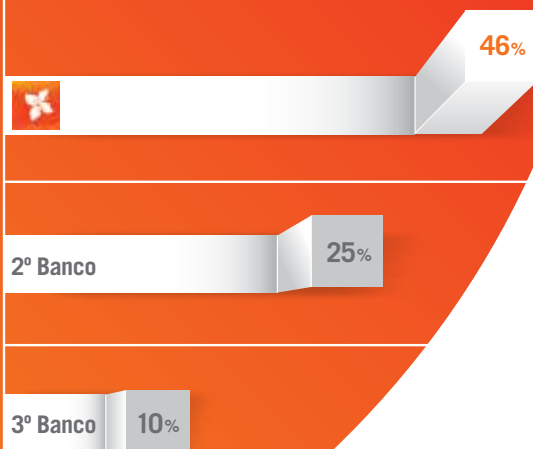
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
700 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Março 2017

